

VARIAÇÕES DO IDEB: ASPECTOS INFLUENCIADORES EM SEIS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE CAMPO GRANDE/MS

Kleber Ramos Gonçalves*

RESUMO

Para este artigo realizou-se um estudo investigativo dos resultados do Ideb em seis escolas da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS nas edições 2011 a 2017, buscando por aspectos influenciadores das variações desses dados nessas escolas. A escolha destas escolas foi feita porque anteriormente elas foram nucleadas e desta forma, representavam extremos da rede, sendo três escolas em ameaça (resultados mais baixos) e três aceitáveis (melhores resultados). Entendeu-se que embora as informações do Ideb e dos indicadores que o compõem, tragam um bom panorama sobre a qualidade da educação das escolas, é interessante agregar às análises informações sobre Complexidade da Gestão e de Nível Socioeconômico. As relações encontradas entre o IDEB e essas informações reforçam o que a teoria tem apontado e indicam caminhos para intervenções mais precisas do poder público. Assim, um dos fatores de maior influência foi o Nível Socioeconômico, acrescido das questões étnicas e de localização. De acordo a literatura, as escolas com menores desempenhos seriam as de periferia, com mais grupos étnicos e Índice de Nível Socioeconômico mais baixo, cenário ocorrido nessa rede de ensino. Portanto, esses resultados indicaram que as ações do poder público deveriam focar, fundamentalmente, questões econômicas, com políticas públicas voltadas às escolas de periferia, observando fatores extraescolares e outros problemas que podem ser associados ao desempenho dos estudantes.

Palavras-chave: Avaliação educacional, Indicadores educacionais, Desempenho Escolar.

Submetido em 25/03/2021. Aprovado em 25/04/2021.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda aspectos que têm influenciado variações do Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) nas escolas públicas da Rede Municipal de Ensino (Reme) de Campo Grande/MS, por meio da triangulação dos estudos do alcance das metas desse índice (informações sobre fluxo escolar e desempenho dos estudantes) com dados sobre Complexidade da Gestão e Nível Socioeconômico divulgados nos boletins de resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Para tratar desse assunto é importante mencionar além da relevância das avaliações externas e do Ideb, da mobilização de outras informações/dados que auxiliem na construção de informações acerca da qualidade do ensino.

A finalidade das avaliações em larga escala ou avaliações externas é a de subsidiar os sistemas de ensino, por meio da construção de dados acerca das escolas, das redes estaduais e municipais de educação, na identificação de suas potencialidades e fragilidades referentes aos processos de ensino, de aprendizagem e da condução das políticas públicas. Com esses dados em mãos, os gestores dessas esferas podem mobilizá-los como mais uma ferramenta para orientar suas ações, mediante análises e comparações com as metas estabelecidas, respondendo às deliberações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9394/96), das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), do Plano Nacional de Educação - PNE (2014-2024) (artigo 11, metas 7 e 13 e estratégias e articulação com a Base

*Professor. Secretaria Municipal de Campo Grande, Mestre em Educação Matemática. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: kleberemic@gmail.com.

Nacional Comum Curricular (BNCC)) e do Plano Municipal de Campo Grande/MS (PME 2015-2025), meta 7 “Qualidade da Educação”.

Ressalta-se, seguindo o posicionamento de BROOKE, CUNHA (2011), entre outros, que as análises desses resultados, pelos gestores educacionais, também são importantes para delinear metas a curto, a médio e longo prazo, bem como orientar as tomadas de decisão referentes aos processos educacionais. Os dados produzidos por essas avaliações devem ser aliados a outros indicadores, para assim, criar-se novas possibilidades mediante constituição de políticas educacionais concernentes às especificidades retratadas por esses dados e indicadores.

As ações baseadas nesses resultados auxiliam na caminhada rumo a melhoria da qualidade da educação, formando educandos críticos e capazes de adentrar o mercado de trabalho, ou ainda, de construir suas carreiras acadêmicas, bem como indicando ferramentas que confirmam a função social da escola, ou seja, transmitir, construir e produzir conhecimentos com os educandos, além de valores sociais.

Para auxiliar a análise sobre a Reme de Campo Grande/MS adotou-se um recorte, selecionando seis escolas a partir de um estudo realizado em 2019 nessa rede de ensino. Nesse estudo as escolas foram distribuídas em quatro níveis – “Quatro A”, a saber, Ameaça, Alerta, Aceitável e Adequado. Para essa pesquisa elegeu-se, segundo essa nucleação, as três escolas com melhores resultados e as três escolas com os menores resultados. Com essa amostra buscou-se compreender influências nas variações dos Ideb dessas seis escolas.

Para a categorização em núcleos de acompanhamento foram realizadas análises das proficiências alcançadas pelos alunos da Reme, edição 2017 do Saeb e do rendimento escolar dos alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental (taxas de aprovação 2017). O objetivo desse estudo foi otimizar e subsidiar atendimentos, por parte das equipes da Secretaria de Educação (Semed) de Campo Grande/MS que atuam nas ações pedagógicas, às escolas de acordo suas necessidades prioritárias e específicas. Ressalta-se que, o objetivo deste artigo foi o de analisar aspectos que têm influenciado variações do Ideb nessas escolas nucleadas, articulando essas informações aos estudos dos dados sobre Complexidade da Gestão e Nível Socioeconômico divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep).

Como a nucleação tratou apenas dos resultados de 2017, também foram comparados os Idebs observados entre 2011 e 2017 com as suas devidas metas projetadas, Descreveu-se assim, uma trajetória iniciada no melhor ano, em resultados, dessa rede, 2011, até o último resultado divulgado durante a investigação, 2017.

Em resumo, como dito anteriormente, como esses resultados isolados não são suficientes para representar a qualidade da educação das escolas, analisou-se as relações desses dados (alcance das metas, fluxo escolar e desempenho dos estudantes) com os de Complexidade da Gestão e do Nível Socioeconômico das seis escolas da Reme de Campo Grande/MS, três “Aceitáveis” e três em “Ameaça”, por meio da triangulação desses dados, apontando fatores que influenciaram as variações de desempenho das escolas nesse período.

Sendo assim, além desta Introdução, este artigo terá uma Apresentação onde consta a descrição do contexto em que nossos dados se referem, o Desenvolvimento dividido em uma seção que trata dos Indicadores de Fluxo e de Desempenho e outra que trata das informações sobre Complexidade da Gestão e Nível Socioeconômico de cada uma das seis escolas da Reme de Campo Grande/MS. Assim, esboçou-se comparações e hipóteses analíticas acerca desse movimento com esses dados, tecendo análises e por fim, além das Referências, uma Conclusão, com Considerações Finais, mediante a descrição sobre opiniões analíticas sobre o tema e outros desdobramentos da investigação.

2 O CONTEXTO DE CAMPO GRANDE/MS

Nesta seção são apresentados os dados e as análises de forma detalhada sobre o tema da pesquisa. Escolhendo uma organização mais didática, esta seção divide-se em duas partes, a subseção dos indicadores de fluxo e de desempenho e a subseção das informações sobre complexidade da gestão e índice socioeconômico, todos referentes à Reme de Campo Grande/MS. Tal escolha se deu pelo fato de conseguir trazer todos os dados analisados, mobilizando referências acerca de sua construção, usos e potencialidades. Os estudos das informações sobre Complexidade da Gestão e Nível Socioeconômico, também se justifica, pois, geralmente, eles não fazem parte da constituição e construção de alguns índices, como o Ideb e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Reme (Ider). Índices, que por sua vez, tratam da qualidade da educação. Além de se mostrar os principais aspectos desses índices, outras pesquisas foram mostradas. Pesquisas que retratam a articulação das informações de fluxo e de desempenho com aspectos socioeconômicos, advindos de outros fatores intra e extraescolares.

Os dados analisados são das seis escolas da Reme de Campo Grande/MS. Como explicitado na introdução, a escolha se deu pela mobilização do estudo da Nucleação realizada pela Semed de Campo Grande/MS. Esse estudo serviu para orientar as ações de atendimento prioritário das equipes do pedagógico juntamente com as unidades de ensino da Reme de Campo Grande/MS. Como a nucleação mobilizou basicamente os dados de desempenho e fluxo das escolas referentes ao Ideb 2017, na busca por obter um panorama mais detalhado das causas das variações desse índice nessas escolas, organizou-se outros dados para a verificação da superação ou não das metas projetadas.

2.1 INDICADORES

Nesta seção são debatidos os indicadores mobilizados nas análises das variações no Ideb das seis escolas da Reme de Campo Grande/MS. A princípio, mobilizou-se as informações contidas no site de divulgação dos resultados do Ideb. Nele encontrou-se algumas notas técnicas orientativas de sua construção, metodologias e potencialidades. A seguir é apresentada a tabela 1, cujo dados constantes são referentes ao histórico do Ideb das seis escolas nucleadas da Reme de Campo Grande/MS escolhidas para serem analisadas.

Tabela 1 - Idebs observados das seis escolas nucleadas

	Ensino Fundamental	IDEB Observado						
		2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017
REME	Anos Iniciais	4,2	5,1	5,2	5,8	5,4	5,4	5,7
	Anos Finais	3,7	4,5	4,8	5,0	4,7	5,0	5,0
Escola A	Anos Iniciais	5,1	5,8	6,1	6,5	6,3	6,8	6,8
	Anos Finais	4,7	5,7	5,9	5,9	5,7	6,2	6,3
Escola B	Anos Iniciais	5,3	6,2	5,9	6,7	6,9	6,3	6,9
	Anos Finais	4,4	5,5	5,7	5,7	5,4	5,7	6,5
Escola C	Anos Iniciais	4,0	5,7	5,4	6,1	5,7	5,8	6,4
	Anos Finais	4,4	5,2	5,7	5,7	5,5	6,0	6,2
Escola D	Anos Iniciais	3,5	4,7	4,6	5,4	5,6	5,3	5,2
	Anos Finais	3,1	4,7	3,6	4,6	5,0	4,8	4,2
Escola E	Anos Iniciais	3,6	4,5	4,8	5,4	4,9	5,1	5,1
	Anos Finais	2,8	3,8	3,7	5,1	4,5	4,9	4,3
Escola F	Anos Iniciais	4,1	5,0	5,3	5,4	4,9	4,5	5,3
	Anos Finais	-	4,1	4,7	4,8	4,4	4,2	4,3

Fonte: Adaptado Inep/MEC

Na tabela, os valores destacados em amarelo representam os Idebs observados que superaram ou alcançaram as metas para a edição em questão. Percebe-se que até 2011 todas as seis escolas e a Reme conseguiram superar essa marca. Nas escolas nucleadas como Aceitáveis, com exceção de um resultado em 2015, todos os Idebs observados superaram ou alcançaram suas metas. Em relação às escolas nucleadas como Ameaça, duas das três escolas superaram ou alcançaram suas metas até a edição 2015, bem semelhante ao comportamento dos resultados da Reme de Campo Grande/MS. Percebe-se assim, que tais resultados influenciaram diretamente em suas classificações nos estudos da Nucleação, como veremos no decorrer da escrita deste artigo.

Além dos resultados divulgados pelo Inep/MEC foram mobilizados alguns estudos provenientes das leituras de outros artigos e que também foram retomados nas análises, como os textos de Pinto (2016), Soares *et al.* (2013) e Alves, Soares e Xavier (2014). Assim, em cada uma das subseções, além das descrições dos aspectos já mencionados, apresentou-se os dados de cada uma das escolas, articulando a escrita com as análises e os conhecimentos obtidos com as leituras dos demais materiais.

2.1.1 INDICADORES DE FLUXO E A NUCLEAÇÃO

O indicador de fluxo é dado pela proporção de aprovação, reprovação e abandono em cada um dos anos avaliados, sendo também referência às informações sobre o rendimento escolar. Essa taxa média de aprovação dos estudantes, capitadas pelo Censo Escolar e combinadas ao indicador de desempenho, compõe índices como o Ideb e o Ider.

De forma mais técnica o Ideb, por exemplo, é o resultado da multiplicação entre os valores do desempenho no Saeb pelo somatório do inverso do tempo médio para a conclusão do ciclo avaliado. (FERNANDES, 2007). Ou ainda,

Para uma escola *A* cuja média padronizada da Prova Brasil, 4ª série, é 5,0 e o tempo médio de conclusão de cada série é de 2 anos, a rede/ escola terá o Ideb igual a 5,0 multiplicado por $\frac{1}{2}$, ou seja, $Ideb = 2,5$. Já uma escola *B* com média padronizada da Prova Brasil, 4ª série, igual a 5,0 e tempo médio para conclusão igual a 1 ano, terá $Ideb = 5,0$. (FERNANDES, 2007, p.7).

Percebeu-se pela análise dada no excerto anterior, que pelo fato da nota do Ideb ser resultado de um produto entre desempenho e rendimento, em que o rendimento é interpretado como o inverso do tempo médio de conclusão dos anos avaliados, ambos devem ser equilibrados. Não basta apenas o desempenho ser elevado, viu-se que esse desajuste reflete em uma diminuição dos valores do Ideb, conseqüentemente, não refletindo a ideia de qualidade educacional por detrás desse indicador. Segundo Fernandes (2007, p. 7) “um sistema de ensino ideal seria aquele em que todas as crianças e adolescentes tivessem acesso à escola, não desperdiçassem tempo com repetências, não abandonassem a escola precocemente e, ao final de tudo, aprendessem.”

O indicador de rendimento, P_j , é obtido conforme a fórmula a seguir, onde a proporção de aprovados em cada uma das séries da etapa considerada, p^r , é calculada diretamente do Censo Escolar. Se p^r ($r = 1, 2, \dots, n$, em que n é o número de séries com taxa de aprovação positiva) é a taxa de aprovação da r -ésima série da etapa educacional considerada, então o tempo médio de duração da série é:

$$T_{ji} = \sum_{r=1}^n \frac{1}{p^r} = \frac{n}{P_{ji}}$$

Na fórmula anterior, P_{ji} é a taxa média de aprovação na etapa educacional no ano i . Note-se que, na ausência de evasão durante a etapa e em equilíbrio estacionário, $\frac{n}{P_{ji}}$ dá o tempo médio para conclusão de uma etapa para os estudantes da unidade j (T_{ji}). Se P é o inverso do tempo médio para conclusão de uma série, então, $P_{ji} = \frac{1}{T_{ji}}$. Deste modo, temos que $IDEB_{ji} = \frac{N_{ji}}{T_{ji}}$, ou seja, o indicador fica sendo a pontuação no exame padronizado ajustada pelo tempo médio (em anos) para conclusão de uma série naquela etapa de ensino. (FERNANDES, 2007, p. 13).

Em outras palavras, tomando o exemplo de Fernandes (2007), como o desempenho observado, no excerto anterior, foi 5,0, quanto maior for a taxa de aprovação mais próximo esse índice estará de 5,0, inversamente, quanto menor for a taxa de aprovação, menor será essa nota.

A taxa de aprovação pode ser traduzida como o percentual a ser calculado sobre o desempenho médio dos estudantes. Assim, elevar as taxas de aprovação é um mecanismo mais simples que aumentar o desempenho dos estudantes. Obviamente, que esse procedimento é limitado, pois se o desempenho for muito baixo, os resultados não melhorarão muito, outro

aspecto, referindo-se às metas, se o desempenho não evoluir, elas não serão superadas também.

Sendo assim, como já relatado anteriormente, analisar as informações que compõe o Ideb pode ser importante para melhor compreender os resultados, propiciando tomada de decisões de acordo a realidade capitada pelos testes das avaliações em larga escala. O alcance de uma meta tem significado particular, e, se baseado apenas nessa informação, pode gerar um diagnóstico menos aprofundado, ou seja, para a compreensão dos aspectos que influenciam as variações do Ideb das seis escolas escolhidas, partiu-se inicialmente dos estudos dos dados da nucleação realizada pela Semed Campo Grande/MS avançando sobre as demais informações.

Nesse sentido, apresenta-se a seguir, de forma detalhada, os dados e as informações contidas na nucleação de cada uma das escolas. A essas informações acrescentou-se os dados sobre o Nível Socioeconômico e a Complexidade da Gestão, obtidos nos boletins de resultados divulgados pelo Inep/MEC.

No processo de construção da Nucleação alocou-se todas as escolas da Reme de Campo Grande/MS em um dos níveis estabelecidos, Ameaça, Alerta, Aceitável e Adequado. Cada um desses níveis foi pensado por meio dos resultados da soma entre o parâmetro P (das proficiências) e o parâmetro F (do fluxo escolar). Dessa forma, para o parâmetro P somou-se as proficiências obtidas nos componentes Língua Portuguesa e Matemática na edição 2017 do Saeb em cada ano avaliado. Então, a partir desse resultado, calculou-se quantos porcentos esse valor representaria em relação ao teto do parâmetro aprendizagem, 533,60 para os anos iniciais e 606,88 para os anos finais. Por exemplo, se a soma das proficiências de Língua Portuguesa e de Matemática foi de 500 pontos, anos iniciais, sabe-se que 500 pontos representam 93,70% de 533,60. A esse resultado aplicou-se o peso de 70%, ou seja, calculou-se 70% de 500, obtendo-se assim 350, valor agregado ao parâmetro P. Para o parâmetro F, observou-se a taxa de aprovação de cada escola nos anos iniciais e finais, aplicando o peso de 30%. A nucleação, consistiu em somar os percentuais obtidos nos parâmetros P, das proficiências (peso 70%) e F, do fluxo escolar (peso 30%).

Na tabela 2 constam os dados mobilizados para a construção da nucleação das escolas da Reme de Campo Grande/MS.

Tabela 2 - Nucleação: Escolas Aceitáveis

		NUCLEAÇÃO	Proficiência				Fluxo	
			2013	2017	2013	2017	2013	2017
			L.P.	L.P.	MAT.	MAT.		
Escola A	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	218,98	245,22	231,96	236,44	0,98	0,99
	Anos Finais	ACEITÁVEL	274,58	288,82	281,22	286,89	0,97	1,00
Escola B	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	240,30	233,13	250,43	249,90	0,97	0,90
	Anos Finais	ACEITÁVEL	279,99	304,28	277,49	288,96	0,99	0,99
Escola C	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	219,66	230,30	222,27	240,55	0,93	0,95
	Anos Finais	ACEITÁVEL	270,84	298,51	275,83	282,21	0,96	0,98

Fonte: Autor

Na tabela 2 constam informações sobre as proficiências e as taxas de aprovação 2013 e 2017. A escolha desses anos foi dada pelo fato de se comparar os resultados do ano escolhido

para a Nucleação e a edição posterior aos melhores resultados da Reme de Campo Grande/MS. Dessa forma criou-se um cenário em que foi possível observar o avanço, ou não, dessas escolas referentes aos desafios políticos e organizacionais dados nesse período.

Para as escolas do nível aceitável, aquelas com os melhores resultados, viu-se que houve casos de grande elevação e outro com estabilidade referente aos resultados de proficiência, com exceção da Escola B, nos anos iniciais, observando as edições 2013 e 2017. Em relação ao fluxo, novamente a escola B, nos anos iniciais, foi a única a apresentar decréscimo, fato que refletiu diretamente nos resultados do Ideb dessa escola e em sua série histórica, não permitindo que mantivesse a mesma ascensão das primeiras edições. Nesse sentido, tanto o fluxo quanto as proficiências são elementos fundamentais para a qualidade da educação. Nesse caso, o fluxo foi o fator preponderante para a queda de resultados, pois foi aquele com maior redução. Assim, espera-se que as escolas se empenhem, primeiro para que seus estudantes permaneçam na escola, que não haja abandono e evasão, segundo que haja aprendizado com qualidade, que não ocorra aprovações artificiais de seus estudantes.

Tabela 3 - Nucleação: Escolas em Ameaça

		NUCLEAÇÃO	Proficiência				Fluxo	
			2013	2017	2013	2017	2013	2017
			L.P.	L.P.	MAT.	MAT.		
Escola D	Anos Iniciais	AMEAÇA	204,74	202,17	208,65	205,78	0,99	0,93
	Anos Finais	AMEAÇA	250,50	247,65	252,65	243,10	0,98	0,86
Escola E	Anos Iniciais	AMEAÇA	188,32	198,01	197,26	211,54	0,95	0,91
	Anos Finais	AMEAÇA	242,07	248,14	255,40	239,56	0,91	0,90
Escola F	Anos Iniciais	AMEAÇA	184,93	205,08	197,60	210,92	0,96	0,92
	Anos Finais	AMEAÇA	245,73	247,81	247,73	245,04	0,90	0,89

Fonte: Autor

Analisando os resultados das escolas em ameaça, viu-se a importância do cuidado que as unidades de ensino devem ter com todos os elementos que constituem a nota do Ideb, já que eles dizem respeito ao processo educacional. Nesse caso, essas escolas apresentaram os maiores decréscimos em relação ao fluxo escolar, deixando assim, de alcançar ou de superar suas metas.

Em relação às proficiências percebeu-se ainda, semelhante comportamento ao caso das escolas aceitáveis, ou seja, estabilização em alguns dos resultados, mesmo que para alguns haja diferenças negativas. Outro fator interessante seria as análises das escalas de proficiência, pois para além dos números, elas fornecem a interpretação pedagógica dos valores de proficiência. Porém, esse seria um outro desdobramento para essa pesquisa, pois trataria mais detalhadamente dos aspectos metodológicos e pedagógicos das salas de aula. E, por não ser um dos objetivos, apenas indica-se sua importância e relevância nos estudos desses resultados, ou seja, trata-se de um desdobramento que exige um tempo que não estava disponível no momento, porém merece ser investigado futuramente.

Retornando ao comportamento das escolas em ameaça, a escola D, anos finais, apresentou a maior diferença negativa referente ao fluxo, comparando os anos 2013 e 2017 e,

por esse motivo, além do Ideb dessas edições serem respectivamente, 5,0 e 4,2, o alcance da meta ficou distante em 0,4 pontos de Ideb.

Além do fluxo escolar, o desempenho dos estudantes nos testes em Matemática, foi um dos fatores preponderantes para a variação dos resultados do Ideb. Nas próximas tabelas constam informações sobre o desempenho, em Matemática e em Língua Portuguesa das seis escolas nucleadas.

Tabela 4 - Diferenças entre proficiências em LP e Mat: Escolas Aceitáveis - 2013 e 2017

NUCLEAÇÃO2017		Proficiência					
ACEITÁVEL		2013	2017		2013	2017	
		L.P.	L.P.	Dif.	MAT.	MAT.	Dif.
Escola A	AI	218,98	245,22	26,24	231,96	236,44	4,48
	AF	274,58	288,82	14,24	281,22	286,89	5,67
Escola B	AI	240,3	233,13	-7,17	250,43	249,9	-0,53
	AF	279,99	304,28	24,29	277,49	288,96	11,47
Escola C	AI	219,66	230,3	10,64	222,27	240,55	18,28
	AF	270,84	298,51	27,67	275,83	282,21	6,38
			Dif. Total	95,91		Dif. Total	45,75

Fonte: Autor

Na tabela anterior, subtraiu-se a proficiência observada em 2017 pela a de 2013, encontrando assim, uma diferença de resultados. Somando-se essas diferenças para cada escola, para as aceitáveis, o resultado em Língua Portuguesa foi de 95,91, enquanto em Matemática o resultado foi de 45,75. Já para as escolas em ameaça, em Língua Portuguesa, o resultado foi de 32,57 e, em Matemática foi de - 3,35, como pode ser observado na próxima tabela.

Tabela 5 - Diferenças entre proficiências em LP e Mat: Escolas em Ameaça - 2013 e 2017

NUCLEAÇÃO2017		Proficiência					
AMEAÇA		2013	2017		2013	2017	
		L.P.	L.P.	Dif.	MAT.	MAT.	Dif.
Escola D	AI	204,74	202,17	-2,57	208,65	205,78	-2,87
	AF	250,5	247,65	-2,85	252,65	243,1	-9,55
Escola E	AI	188,32	198,01	9,69	197,26	211,54	14,28
	AF	242,07	248,14	6,07	255,4	239,56	-15,8
Escola F	AI	184,93	205,08	20,15	197,6	210,92	13,32
	AF	245,73	247,81	2,08	247,73	245,04	-2,69
			Dif. Total	32,57		Dif. Total	-3,35

Fonte: Autor

Novamente, como se observou nas tabelas anteriores, os resultados das escolas aceitáveis refletem sua classificação como aquelas de melhor desempenho. Nesse sentido, as informações que mais influenciaram a classificação, na Nucleação, das escolas D, E e F, nível

ameaça, foram as taxas de aprovação e o desempenho em matemática, ou seja, foram fatores preponderantes e, conseqüentemente, indicaram algumas possíveis ações para contornar esses resultados.

Para exemplificar essa influência, organizou-se nas próximas tabelas informações tais como: a soma das proficiências em Língua Portuguesa e Matemática, edições 2013 e 2017, anos iniciais, das escolas aceitáveis e em ameaça.

Tabela 6 - Soma das proficiências, escolas aceitáveis: LP e Mat – 2013 e 2107

NUCLEAÇÃO		Proficiência			
ACEITÁVEL		2013	2017	2013	2017
		L.P.	L.P.	MAT.	MAT.
Escola A	AI	218,98	245,22	231,96	236,44
Escola B	AI	240,3	233,13	250,43	249,9
Escola C	AI	219,66	230,3	222,27	240,55
		Média	236,22	Média	242,30

Fonte: Autor

Somando-se as proficiências das escolas aceitáveis, em Língua Portuguesa, anos iniciais, obteve-se 708,65, ou ainda, calculando a média desses valores obtém-se 236,22. Igualmente, para matemática, as escolas aceitáveis, anos iniciais, a soma foi de 726,89, que permite obter a média de 242,30, como observado na tabela anterior.

Tabela 7 - Soma das proficiências, escolas em ameaça: LP e Mat – 2013 e 2017

NUCLEAÇÃO		Proficiência			
AMEAÇA		2013	2017	2013	2017
		L.P.	L.P.	MAT.	MAT.
Escola D	AI	204,74	202,17	208,65	205,78
Escola E	AI	188,32	198,01	197,258	211,54
Escola F	AI	184,93	205,08	197,6	210,92
		Média	201,75	Média	209,41

Fonte: Autor

Para as escolas em ameaça, a soma das proficiências resultou em 605,26, novamente permitindo obter 201,75 de média, em Língua Portuguesa. Agora, para matemática, as escolas em ameaça, tem-se como soma 628,24 ou o cálculo da média de 209,41.

Nesse sentido, calculando-se a diferença entre esses totais das escolas em ameaça e aceitáveis, obteve-se 34,46 em média, ou seja, em média as três escolas aceitáveis alcançam 34,46 pontos a mais que as três escolas em ameaça. Novamente, a diferença quando comparamos esses resultados para matemática, obteve-se 32,88 em média. Essa comparação indicou o grande peso do desempenho dos estudantes, bem como a importância do equilíbrio dessas informações com o fluxo escolar, pois duas das três escolas aumentaram suas taxas, enquanto para as escolas em ameaça as três diminuíram. Sendo assim, para compreender

melhor essa influência, estudaremos outros aspectos do desempenho nos resultados do Ideb. A seguir, discorre-se sobre os estudos do indicador de desempenho das seis escolas nucleadas.

2.1.2 INDICADORES DE DESEMPENHO

A metodologia de análise dos dados para buscar as influências das variações do Ideb das escolas escolhidas partiu das informações macros, notas do Ideb, chegando às informações micros, rendimento e desempenho dos estudantes, e, em dados intra e extraescolares, passando pelo Índice do Nível Socioeconômico e o Índice de Complexidade da Gestão.

Nas tabelas 8 e 9 estão dispostos os dados levantados e analisados dessas unidades escolares, de acordo com as informações trazidas tanto dos estudos da Nucleação quanto das novas pesquisas referentes aos levantamentos do Ideb. Na tabela 8 constam os Ideb observados e as metas projetadas até 2017, tanto dos anos iniciais quanto dos finais das escolas aceitáveis. Na tabela 9, tem-se comparações da edição observada com as metas projetadas, construindo indicações sobre se houveram alcances ou superações das escolas em ameaça. Todos esses estudos permitiram desenhar a trajetória de desempenho dessas escolas, a evolução dos seus resultados, propiciando análises das variações desses resultados.

A escolha de se observar o alcance de metas anteriores propiciou analisar a trajetória positiva/negativa dessas escolas referente aos seus históricos de desempenho. Ainda justificando algumas escolhas, as escolas A, B e C serem classificadas entre as três melhores do universo das 94 da Reme de Campo Grande/MS, não foi um fato isolado ocorrido na edição de 2017, há evolução dos resultados desde 2005, fato mencionado na próxima tabela.

Tabela 8 - Idebs Observados x Metas Projetadas – Escolas Aceitáveis

	Ensino Fundamental	IDEB Observado						Metas Projetadas								
		2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Escola A	Anos Iniciais	5,1	5,8	6,1	6,5	6,3	6,8	6,8	5,2	5,5	5,9	6,1	6,3	6,6	6,8	7
	Anos Finais	4,7	5,7	5,9	5,9	5,7	6,2	6,3	4,7	4,9	5,1	5,5	5,9	6,1	6,3	6,5
Escola B	Anos Iniciais	5,3	6,2	5,9	6,7	6,9	6,3	6,9	5,3	5,6	6	6,2	6,5	6,7	6,9	7,1
	Anos Finais	4,4	5,5	5,7	5,7	5,4	5,7	6,5	4,5	4,6	4,9	5,3	5,6	5,9	6,1	6,3
Escola C	Anos Iniciais	4,0	5,7	5,4	6,1	5,7	5,8	6,4	4,1	4,4	4,8	5,1	5,4	5,6	5,9	6,2
	Anos Finais	4,4	5,2	5,7	5,7	5,5	6,0	6,2	4,4	4,5	4,8	5,2	5,5	5,8	6	6,2

Fonte: Autor

As escolas A, B e C são as que obtiveram os melhores resultados referente aos estudos da nucleação e, como dito anteriormente, os valores em laranja representam o alcance ou superação da meta projetada para a edição observada. Considerando-se os resultados constantes nessa tabela, o único caso de não superação da meta foi o da escola B, nos anos iniciais da edição 2015, apresentando desempenho inferior em 0,2 pontos de Ideb. Porém, essa queda reflete a série histórica dessa escola, pois desde da primeira edição em 2005, seu desempenho manifesta um avanço expressivo seguido de uma queda. Justamente em 2015, essa queda também foi expressiva, com 0,6 pontos a menos do que em 2013, quebrando uma sequência de crescimento ocorrida em duas edições.

Percebe-se que a maioria dos resultados desde 2005 até 2011, apresentaram crescimento, com algumas oscilações negativas, recuperadas na edição posterior. Outras análises pertinentes realizadas são os comparativos das metas iniciais de cada escola, ou seja, algumas apresentaram metas iniciais relativamente baixas, apresentando um crescimento em

desempenho grande já nas próximas edições, “batendo” rapidamente as metas de anos subsequentes as edições medidas. Por exemplo, a escola A, alcançou a meta 2013 em 2009. Obviamente, o que foi dito referiu-se apenas aos valores, outras informações de cunho contextual, econômico, social não foram observadas. Nesse contexto, inseriu-se essa pesquisa, articulando esses aspectos aos captados pelo Ideb. Dessa forma, observando os dados num todo, todas as escolas classificadas como aceitável pela nucleação da Reme Campo Grande/MS além de superarem suas metas, seus desempenhos apresentaram considerável aumento.

Na tabela 9, a seguir, constam as informações das escolas D, E e F, os três últimos resultados referentes aos estudos da nucleação.

Tabela 9 - Idebs Observados x Metas Projetadas – Escolas em Ameaça

	Ensino Fundamental	IDEB Observado						Metas Projetadas								
		2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Escola D	Anos Iniciais	3,5	4,7	4,6	5,4	5,6	5,3	5,2	3,6	3,9	4,4	4,6	4,9	5,2	5,5	5,8
	Anos Finais	3,1	4,7	3,6	4,6	5,0	4,8	4,2	3,1	3,3	3,5	3,9	4,3	4,6	4,8	5,1
Escola E	Anos Iniciais	3,6	4,5	4,8	5,4	4,9	5,1	5,1	3,6	4	4,4	4,7	5	5,3	5,5	5,8
	Anos Finais	2,8	3,8	3,7	5,1	4,5	4,9	4,3	2,8	3	3,2	3,6	4	4,3	4,6	4,8
Escola F	Anos Iniciais	4,1	5,0	5,3	5,4	4,9	4,5	5,3	4,1	4,5	4,9	5,1	5,4	5,7	6	6,2
	Anos Finais	-	4,1	4,7	4,8	4,4	4,2	4,3	-	4,3	4,5	4,9	5,3	5,5	5,8	6

Fonte: Autor

As análises desses dados permitiram constatar que a escola F não superou suas metas nas últimas 3 edições, tanto nos anos finais quanto nos anos iniciais, seguida do não alcance, na edição de 2017, da escola D, anos finais e a escola F, anos iniciais. De modo geral, a escola F, tem se mostrado com dificuldades de alcance de suas metas desde a edição 2013, refletindo em sua alocação nos piores resultados referentes à nucleação da Reme de Campo Grande/MS. As escolas D e E, apesar do alcance das metas, exceto anos finais e iniciais, respectivamente, na edição 2017, deve-se levar em consideração que suas metas e, conseqüentemente, seus Idebs são relativamente bem inferiores, por exemplo, aos das escolas aceitáveis. Refletindo assim, em uma estagnação de resultados, que por sua vez, demonstram a necessidade de intervenções mais enfáticas para a mobilização de novos projetos e de novas estratégias, tanto por parte dos atores envolvidos nessas escolas, quanto de outras intervenções advindas da Semed de Campo Grande/MS. Ações essas, visando um avanço em aprendizagem e em condições de aprendizagem, que poderão refletir em melhores resultados para essas escolas.

Para esse grupo de escolas, em ameaça, não há uma regularidade de resultados, a oscilação de desempenho, influenciou em sua série histórica, não possibilitando uma evolução semelhante a que ocorreu para o outro grupo. Portanto, em todas os detalhamentos apresentados as escolas A, B e C, aceitáveis, apresentaram desempenho superior aos das escolas em ameaça, escolas D, E e F.

Esse tipo de análise realizada para as tabelas anteriores é uma das primeiras realizadas e, alguns casos, a única feita pelos veículos de imprensa e por gestores escolares. O estudo do alcance ou superação das metas é válido para se verificar esse movimento com a própria escola, pois indica a trajetória dos desempenhos e baliza novas ações ou projeções. Porém, comparar as escolas nesse quesito, pode gerar uma inconsistência, no sentido que para algumas escolas as metas projetadas são bem inferiores à de outras. Todavia, as escolas podem ser comparadas, mas as metas devem ser levadas em consideração, ou seja, não pensar os resultados de forma absoluta.

Interpretou-se essas diferenças dadas pelo fato de que as metas foram determinadas, grosso modo, pelo desempenho de cada escola a partir dos resultados de sua primeira participação no Saeb. Segundo a nota técnica “METAS¹” constante no site do Inep/MEC,

A série histórica de resultados do Ideb se inicia em 2005, a partir de quando foram estabelecidas metas bienais de qualidade a serem atingidas não apenas pelo País, mas também por escolas, municípios e unidades da Federação. A lógica é a de que cada instância evolua de forma a contribuir, em conjunto, para que o Brasil atinja o patamar educacional da média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em termos numéricos, isso significa progredir da média nacional 3,8, registrada em 2005 na primeira fase do ensino fundamental, para um Ideb igual a 6,0 em 2022, ano do bicentenário da Independência. As metas são diferenciadas para todos, cada unidade, rede e escola, e são apresentadas bienalmente de 2007 a 2021, de modo que os estados, municípios e escolas deverão melhorar seus índices e contribuir, em conjunto, para que o Brasil chegue à meta 6,0 em 2022, ano do bicentenário da Independência. Mesmo quem já tem um bom índice deve continuar a evoluir. (INEP/MEC, 2019).

Dessa forma, viu-se que cada escola, rede, município, unidade da federação deve se esforçar para alcançar suas metas, cujo um dos intuitos é o de alcançar a meta do país até 2021. Porém, para além dessa meta, uma das incumbências das escolas é de promover uma educação com qualidade para seus estudantes, nesse sentido, há que se relacionar e entender que superar uma meta 3,0 (escola F, anos finais, 2009) tem um “peso” diferente que superar a meta 4,9 (escola A, anos finais, 2009) quando olhamos para a qualidade do ensino promovido pelas escolas. O Ideb nos diz que “um sistema de ensino ideal seria aquele em que todas as crianças e adolescentes tivessem acesso à escola, não desperdiçassem tempo com repetências, não abandonassem a escola precocemente e, ao final de tudo, aprendessem”. (FERNANDES, 2007, p. 1). Portanto, quanto maior o índice melhor será a qualidade do ensino promovido por essa escola, pois tanto o fluxo quanto o desempenho devem estar equilibrados e com aumentos constantes a cada edição.

Os melhores resultados dos anos iniciais, provavelmente, foram reflexo do maior número de ações e de políticas voltadas para eles. Alguns programas advindos do governo federal, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), o Programa Mais Educação (Pmalfa) mais recentemente, os testes da Provinha Brasil, em anos anteriores. Outros advindos da esfera municipal, as avaliações diagnósticas realizadas para os estudantes dos 3º anos (2017), 4º ano (2018) e 5º anos (2019), avaliando Leitura, Escrita e Matemática, elaborando informações acerca dos processos de alfabetização, aluno a aluno. Relatórios pedagógicos, além da apresentação, leitura e interpretação, discussões pedagógicas e metodológicas. Formações continuadas, cursos sobre letramento e produção textual, com temática da alfabetização matemática, todos ofertados pelas equipes da Semed de Campo Grande/MS.

Em 2011, a Reme de Campo Grande/MS obteve os seus melhores desempenhos, tanto que entre as capitais brasileiras, nos anos iniciais, obteve o melhor resultado para o Ideb. Assim, uma das tendências observadas são referentes à qualidade dessas variações, pois aumentos nem sempre representam resultados positivos, bem com decréscimos, resultados negativos. Outra questão que pode ser levantada é sobre a determinação da qualidade, o ajuste das metas pode significar um desses níveis, mas podemos aprofundar nos detalhamentos do Ideb, verificando as taxas de fluxo e as médias de proficiência, passando pelos descritores até as políticas postas em prática naquele período.

¹ Disponível em <http://inep.gov.br/educacao-basica/ideb/metlas>. Acesso em dez. 2020.

Portanto, com a análise desses dados tem-se um retrospecto das variações ocorridas com esse índice durante o período dos maiores percentuais da rede, 2011, até o último resultado observado, em 2017. A mobilização das informações sobre Complexidade da Gestão e Índice Socioeconômico serviram para subsidiar as novas hipóteses das relações desses fatores com as variações observadas anteriormente.

2.1.3 INDICADORES DE COMPLEXIDADE DA GESTÃO

Os Indicadores de Complexidade da Gestão (ICG) são produzidos pelo Ministério da Educação (MEC) por meio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Segundo a nota técnica nº 040/2014 (BRASIL, 2014b, p. 1), o objetivo foi de introduzir um indicador para mensurar o nível de complexidade de gestão das escolas de educação básica brasileira. Assumiu-se assim, para determinar esse indicador, quatro aspectos, o porte das escolas, o quantitativo de turnos de funcionamento de cada escola, a complexidade das etapas ofertadas pela escola e o quantitativo de etapas/modalidades oferecidas. Assim, as variáveis representantes desse indicador quanto mais elevadas forem, indicarão maior complexidade de ações para as gestões. (BRASIL, 2014b).

Deve-se levar em consideração que

O objetivo de fornecer informações sobre o desempenho e resultados dos sistemas educativos para gestores educacionais e de ensino, famílias e sociedade aparece, dentre outros, como principal justificativa nos documentos oficiais de criação das avaliações externas (Brasil, 1994), expressando a importância do levantamento e coleta de dados para subsidiar as ações nos âmbitos da gestão da política educacional. (MACHADO, 2012, p. 71).

Nesse contexto, a escolha por analisar o ICG foi justificada por meio da relevância das ações e das tomadas de decisão realizadas por esses gestores, quando de posse desses resultados e dos demais provenientes das demandas administrativas e de cunho pedagógico, esses profissionais enfrentam seu cotidiano.

A seguir, apresenta-se os resultados desse indicador referente às seis escolas escolhidas para esse estudo. O recorte é iniciado em 2013, ano da primeira divulgação, até 2017, ano final escolhido para as análises.

Tabela 10 - Complexidade da Gestão

		NUCLEAÇÃO	GESTÃO		
		2017	2013	2015	2017
Escola A	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	4,0	4,0	4,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			
Escola B	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	4,0	3,0	3,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			
Escola C	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	4,0	4,0	4,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			
Escola D	Anos Iniciais	AMEAÇA	4,0	4,0	4,0
	Anos Finais	AMEAÇA			
Escola E	Anos Iniciais	AMEAÇA	4,0	4,0	4,0
	Anos Finais	AMEAÇA			
Escola F	Anos Iniciais	AMEAÇA	6,0	6,0	6,0
	Anos Finais	AMEAÇA			

Fonte: Autor

As escolas A e C, grupo aceitável, foram alocadas no nível 4 de complexidade da gestão em todas as edições elencadas na tabela anterior. Por sua vez, a escola B, grupo aceitável, nas edições 2015 e 2017, foi alocada no nível 3. Nesse sentido, percebe-se que esse indicador, para esse grupo de escolas, tem a mesma influência sobre o desempenho nos resultados nas avaliações do Saeb. A descrição desses níveis (BRASIL, 2014b), revela o número de matrículas, a quantidade de turnos de atendimento e as etapas/modalidades atendidas pela unidade escolar, nesse sentido, o aumento desses números intensifica a complexidade dos gestores escolares. Portanto, dentro desse grupo aceitável, a variação do ICG é de um nível, ou seja, há uma diferença de Porte, nível 3, entre 50 e 500 matrículas, para o nível 4, Porte entre 150 e 1000 matrículas. Em relação aos turnos, nível 3, operando em 2 turnos e, nível 4, operando em 2 ou 3 turnos. Referente às etapas, nível 3, com 2 ou 3 etapas e, nível 4, com 2 ou 3 etapas. Por fim, o nível 3 apresenta os Anos Finais como etapa mais elevada e, o nível 4, apresenta Ensino Médio/profissional ou a EJA como etapa mais elevada.

Nesse contexto, “assume-se que escolas que atendem mais alunos, [...] que oferecem mais etapas [...], que quanto mais avançada a idade dos alunos e as etapas oferecidas, gerencia-se um número maior de docentes, mais arranjos para a organização das grades curriculares são necessários e mais desafios se enfrenta para a manutenção do aluno na escola [...], [por fim], as escolas que funcionam em mais turnos são mais complexas.” (BRASIL, 2014b, p. 2).

Realizando o mesmo exercício para as escolas do grupo em ameaça, a análise da tabela revelou que as escolas D e E, apresentam o mesmo nível de complexidade da gestão do que as escolas A e C, ou seja, alocadas no nível 4 de complexidade.

Porém, a escola F, grupo ameaça, é que apresentou o maior índice de complexidade da gestão, sendo alocada no nível 6, a maior complexidade. A descrição desse nível revelou que

ela possui um Porte superior à 500 matrículas, operando em 3 turnos, com 4 ou mais etapas, apresentando a EJA como etapa mais elevada. Portanto, somente essa escola do grupo ameaça tem uma complexidade de gestão realmente diferenciada das demais, possuindo um desempenho bem inferior às demais referente aos dados no IDEB, ou seja, nas demais escolas o ICG não se apresentou como grande influenciador, conseqüentemente, definidor dos resultados abaixo do esperado. Nesse contexto, observou-se que a complexidade da gestão, descrita pelo Inep/MEC, pode ter influências diretas nas variações do Ideb dessa unidade escolar, pois para as demais, a variação de um nível de Complexidade da Gestão não foi suficiente para influenciar o desempenho nas três últimas edições das avaliações do Saeb.

2.1.4 INDICADORES DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é um exemplo de indicador cujo objetivo é de monitorar a qualidade da educação básica. Segundo os documentos oficiais essa prática de monitoramento é primordial para orientar e mensurar as políticas educacionais postas em prática, bem como a gestão e a sua organização, analisando tanto os sistemas de ensino, como um dos seus desdobramentos, orientativo da gestão das escolas.

Nesse contexto, o Indicador de Nível Socioeconômico (Inse), elaborado pelo Inep, na Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb), foi construído para buscar ampliar os propósitos do monitoramento já citado, atendendo ao Plano Nacional de Educação (Lei n.º 13.005/2014), “o qual prescreve que o Sistema de Avaliação da Educação Básica passe a divulgar também indicadores de avaliação institucional tratando, entre outros aspectos, do perfil do alunado. Esta nota apresenta o Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) das escolas de educação básica do país”. (BRASIL, 2014c, p. 1).

Sendo assim, escolheu-se analisar esse indicador na busca por mais aspectos influenciadores das variações do desempenho dos estudantes no Ideb observado entre 2011 a 2017, na busca por elementos embasados em seu objetivo, ou seja,

contextualizar o desempenho das escolas nas avaliações e exames realizados pelo Inep, bem como o seu esforço na realização do trabalho educativo, pois os processos de ensino e de aprendizagem, em sociedades que apresentam desigualdades sociais, são condicionados, em parte, pelas posições dos públicos atendidos na hierarquia social, explicitadas por seu padrão de vida. (BRASIL, 2014c, p. 14).

Alves e Soares (2012) afirmam que

nas pesquisas educacionais o debate sobre classes e estratos sociais é também um tema central. Não só por que a educação é uma das dimensões fundamentais nos estudos de estratificação e mobilidade social, mas, também, devido à forte correlação entre resultados escolares e o nível socioeconômico e cultural das famílias, comprovada por ampla evidência empírica em vários países do mundo desde meados dos anos 1960 e também no Brasil. (ALVES, SOARES, 2012, p. 8).

Ressalta-se que, desde a publicação do Relatório Coleman em 1966, uma das referências mais notáveis, tem-se analisado às questões de desigualdade social articulando ao desempenho dos estudantes. Portanto, além das análises das informações de desempenho e de rendimento das escolas selecionadas, esta pesquisa se baseou no Inse divulgado nos boletins de resultado das escolas. A partir das informações contidas nesses boletins construiu-se a seguinte tabela.

Tabela 11 - Índice de Nível Socioeconômico: Escolas Aceitáveis

		NUCLEAÇÃO	INSE		
		2017	2013	2015	2017
Escola A	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	6,0	5,0	5,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			
Escola B	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	6,0	5,0	5,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			
Escola C	Anos Iniciais	ACEITÁVEL	5,0	5,0	5,0
	Anos Finais	ACEITÁVEL			

Fonte: Autor

Ressalta-se que as escolas nucleadas foram assim classificadas segundo seus desempenhos médios nas avaliações do Saeb em 2017, dessa forma, segundo a tabela anterior, as 3 escolas aceitáveis apresentaram também os melhores resultados no Inse, enquanto as 3 escolas em ameaça os menores resultados nesse indicador. Sendo assim, viu-se a grande influência dos aspectos levantados por esse índice para o desempenho dos estudantes.

Nas escolas A e B, aceitáveis, estabelecendo um comparativo entre os resultados do Inse e do Ideb, nas edições 2013 e 2015, apesar da diminuição de um nível, refletiu no aumento do Ideb, exceto, a escola B, nos anos finais. Agora, esse mesmo comparativo para as edições de 2015 e 2017, demonstraram que o Inse permaneceu o mesmo para ambas as escolas e novamente seus Ideb apresentaram crescimento. Tal análise, reforçou que as escolas alocadas nos maiores níveis do Inse tendem a apresentar melhor desempenho nas avaliações em larga escala. Olhando para a escola C, aceitável, viu-se que nas 3 edições o Inse foi o mesmo, nível 5,0, e que houve crescimento em seu desempenho. Demonstrando novamente o aspecto já discutido, quanto maior o Inse da escola, maior a probabilidade de melhora no desempenho das proficiências e no fluxo escolar mensurados e mobilizados nas avaliações do Saeb, por exemplo.

Essa mesma análise pode ser realizada para as escolas em ameaça, e nesse caso, a situação se altera.

Tabela 12-- Índice de Nível Socioeconômico: Escolas em Ameaça

		NUCLEAÇÃO	INSE		
		2017	2013	2015	2017
Escola D	Anos Iniciais	AMEAÇA	4,0	3,0	3,0
	Anos Finais	AMEAÇA			
Escola E	Anos Iniciais	AMEAÇA	4,0	3,0	3,0
	Anos Finais	AMEAÇA			
Escola F	Anos Iniciais	AMEAÇA	4,0	4,0	4,0
	Anos Finais	AMEAÇA			

Fonte: Autor

As escolas D e E, ambas passaram do nível 4 para o nível 3, nas edições 2013 para a 2015, paralelamente, seus Ideb também diminuíram. E, comparando as edições 2015 e 2017, ambas permaneceram no nível 3 do Inse, com exceção da escola F, anos iniciais, os demais desempenhos também diminuíram. Esse fato revelou que, a permanência em um nível pode influenciar na situação dos resultados de proficiência e de fluxo das referidas unidades escolares, pois para as escolas alocadas nos maiores Inse, apresentaram crescimento no Ideb, enquanto as alocadas nos níveis mais baixos do Inse, apresentaram diminuição dos seus resultados.

Todavia, o que esses níveis representam? Quais os elementos descritos por eles? Nesse sentido, apresenta-se a descrição do nível 6, o maior apresentado pelas 6 seis escolas:

Nível VI (70;80]: Neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo alto de bens elementares; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas e computador (com ou sem internet); bens suplementares, como freezer, um telefone fixo, uma TV por assinatura, um aspirador de pó e, agora, dois carros; contratam, agora, empregada mensalista; a renda familiar mensal é alta, pois está acima de 12 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação. (BRASIL, 2014c, p. 9).

De acordo essa descrição, os estudantes apresentam um quantitativo alto de bens elementares, complementares, suplementares, possuem empregada doméstica, seus pais concluíram uma graduação ou até mesmo uma pós-graduação. Segundo Pinto (2016, p. 4),

A evidência de que o nível socioeconômico influencia no desempenho do aluno é confirmada por meio de grande quantidade de pesquisas sobre o tema. Estudos no Brasil constataam que o problema da desigualdade da renda está intrinsecamente relacionado com o problema da educação, a exemplo de Barros et al (2001), Menezes-Filho (2007), Albernaz; Ferreira e Franco (2002). A literatura acerca dos fatores que determinam o desempenho escolar, enumera os seguintes: qualidade do professor, nível socioeconômico da família e da escola que o aluno frequenta; escolaridade dos pais; infraestrutura das escolas; número de horas-aula; idade de entrada no sistema escolar; cor da família e do aluno; atraso escolar; reprovação; presença de computadores em casa, entre outros (SOARES, 2004; ANDRADE; LAROS, 2001, ALBERNAZ; FRANCO; FERREIRA, 2002). É possível indicar que os resultados insatisfatórios das avaliações apresentados no Brasil, ainda que tenham apresentado avanços, revelam a incapacidade do Estado em oferecer uma educação básica de qualidade para toda a população. A pesquisa sobre o desempenho escolar no Brasil leva em consideração uma série de fatores: o aluno, a escola, o professor, família, entre outros. O nível socioeconômico familiar e o conhecimento prévio do aluno são exemplos de variáveis que podem afetar no desempenho. Soares (2004) considera três grandes estruturas sociais que influenciam o desempenho cognitivo de um aluno: condição socioeconômica e cultural, família e a escola que frequenta.

Nesse excerto, ficou evidente que a literatura elenca vários fatores que podem ser associados ao desempenho dos estudantes. Novamente, por não ser objetivo desse estudo, mas uma análise pertinente seria detalhar os dados desse indicador, buscando quais desses fatores podem influenciar mais diretamente o desempenho e na qualidade da educação.

3 CONCLUSÃO

Nesta seção, esboçou-se os resultados das análises feitas a partir das relações entre os indicadores partindo das hipóteses analíticas acerca da implicação no Ideb das seis escolas das informações sobre Complexidade da Gestão e o Nível Socioeconômico.

Na busca por entender os fatores que interferem no Ideb, procurou-se, primeiramente, informações sobre esse índice nas seis escolas. Percebeu-se que, entre 2005 e 2011, todas essas escolas conseguiram superar suas metas para o Ideb. E, no decorrer dessa trajetória, a escola F apresentou os resultados mais baixos a partir dessa edição, e para as outras duas escolas em ameaça, essa situação ocorreu apenas em 2017. Esse decréscimo de rendimento é o primeiro fator de influência direta referente às classificações nos estudos da Nucleação.

Seguindo o caminho metodológico da pesquisa, prosseguiu-se com os estudos dos dados sobre fluxo e proficiência dessas escolas. Dessa forma, as escolas do nível aceitável, apresentaram um caso de grande elevação, outro de estabilidade, e por fim, um de decréscimo, referente aos resultados de proficiência. Em relação ao fluxo, a mesma escola, nos anos iniciais, apresentou novamente decréscimo, fato que refletiu diretamente em sua série histórica, ou seja, a edição 2013 ficou marcada negativamente, evitando que se mantivesse a ascensão das edições anteriores e posteriores. Nesse sentido, verificou-se a grande influência desses componentes, fluxo e proficiências, para a qualidade da educação. Nesse exemplo, o fluxo foi mais preponderante, pois foi aquele com maior redução. Portanto, o empenho para que os estudantes permaneçam na escola, sem abandonos e evasões, seguido da variável aprendizagem de qualidade, é de fundamental importância, e quesito maior, nas ações e atribuições de todos os atores envolvidos.

Essa percepção não foi privilégio apenas das escolas aceitáveis, as em ameaça, apresentaram decréscimos significantes tanto em relação ao fluxo escolar, quanto em relação às proficiências, e, portanto, não alcançaram ou superaram suas metas. E, novamente, viu-se como é fundamental cuidar desses elementos constitutivos do Ideb, observando que esses são aspectos essenciais dos processos de ensino e de aprendizagem com qualidade.

Como a preocupação com a aprendizagem dos estudantes é fundamental para todas as tomadas de decisões, olhou-se em especial para o desempenho dos estudantes. Assim, concluiu-se que o desempenho dos estudantes nos testes em Matemática, foi mais um dos fatores de influência nas variações do Ideb. E, para exemplificar, organizou-se os estudos em forma de tabelas com a soma das proficiências em Língua Portuguesa e Matemática, edições 2013 e 2017, anos iniciais e finais, das escolas aceitáveis e em ameaça. Dessa forma, encontrou-se uma diferença entre esses totais, quando comparados os valores das escolas aceitáveis e em ameaça, de 34,46 em média, em Língua Portuguesa e de 32,88 em média, em Matemática.

E, segundo Andrade e Soares (2008, p 395) a diferença na medida para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, “provavelmente, reside no fato de que a Matemática sofre mais a influência dos fatores escolares, enquanto o estudo da língua materna é mais sensível às variáveis familiares (Barbosa, 2005)”. Assim, as análises desses resultados indicaram caminhos que podem ser priorizados nas tomadas de decisão por parte das gestões escolares, bem como das prioridades em algumas políticas públicas, referindo-se à alguns cenários particulares.

Outro aspecto investigado, buscando as influências nas variações do Ideb, foram as informações sobre Complexidade da Gestão. Percebeu-se que, para o grupo de escolas aceitáveis, não foi tão preponderante, ou seja, teve a mesma influência sobre o desempenho nos resultados nas avaliações do Saeb. Tal fato, também ocorreu para duas das três escolas em ameaça, pois foram alocadas nos mesmos níveis das demais escolas aceitáveis. E, somente uma escola do grupo ameaça apresentou o maior valor de Complexidades da Gestão, demonstrando uma realidade diferenciada, permitindo inferir relações entre o desempenho no Ideb e a

Complexidade da Gestão, ou seja, apenas para essa escola o ICG foi definidor dos resultados abaixo do esperado.

Por fim, o último aspecto analisado, levando-se em consideração vários estudos, em particular quando a literatura cita a publicação do Relatório Coleman em 1966, referência na análise de questões de desigualdade social e desempenho. Estudou-se, para além das análises de desempenho e de rendimento, informações sobre o Nível Socioeconômico. As 3 escolas aceitáveis apresentaram os melhores resultados nesse indicador, enquanto as 3 escolas em ameaça os menores resultados, fato já esperado, quando nos baseamos na literatura dos fatores contextuais e influenciadores dos resultados das avaliações externas.

Esse exemplo demonstra um estudo dado a partir das informações da constituição do Ideb, porém, podemos olhar para outros fatores de influência, como a movimentação política ocorrida na cidade de Campo Grande/MS, e as consequentes trocas de gestores escolares, bem como greves ocorridas no período, dificuldades financeiras, sociais, enfim, diversos outros fatores podem e afetaram de forma agregada os resultados das escolas.

Por fim, analisando a totalidade dos dados, algumas questões podem ser levantadas, podendo encaminhar novos estudos: quais os motivos que impactaram somente a edição 2015 em uma das escolas aceitáveis? Por que não afetaram o desempenho nas demais edições? Como articular esses aspectos influenciadores com as demais unidades escolares da Rede Municipal de Ensino? Quais os motivos de ocorrer nessa escola e não em outras? Esses questionamentos partiram desse estudo produzido a partir das informações da constituição do Ideb, porém, podemos olhar para outros fatores de influência, como a movimentação política ocorrida nas cidades, por exemplo, trocas de gestores escolares, greves ocorridas, dificuldades financeiras, sociais, enfim, diversos outros fatores podem e afetam de forma agregada os resultados das escolas.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. T. G; SOARES, J. F. **O nível socioeconômico das escolas de educação básica brasileiras**. Relatório de Projeto de Pesquisa, Universidade Federal de Minas Gerais, Pampulha, 2012.

ALVES, M. T. G; SOARES, J. F. XAVIER, F. P. **Índice socioeconômico das escolas de educação básica brasileiras**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 22, n. 84, p. 671-703, 2014.

ANDRADE, R. J.; SOARES, J. F. O efeito da escola básica brasileira. Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 41, p. 379-406, 2008.

ARAÚJO, S. de; CASTRO, A. M. D. A. **Gestão educativa gerencial: superação do modelo burocrático?** Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais. Rio de Janeiro, v.19, n.70, p.81-106, jan/mar 2011.

BARBOSA, M. E. F.; FERNANDES, C. **A escola brasileira faz diferença?** Uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em Matemática dos alunos da 4ª série. Promoção, ciclos e avaliação educacional. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BELO, F. AMARAL, N. C. (2013). **Ideb da Escola: a aferição da qualidade do ensino tem sido referencial para se (re) pensar a educação municipal?** Revista Educação e Políticas em Debate, 2.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de julho de 2014a**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Nota Técnica Nº 040/2014. Indicador para mensurar a complexidade da gestão nas escolas a partir dos dados do Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília: DF, 2014b. Disponível em http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/escola_complexidade_gestao/nota_tecnica_indicador_escola_complexidade_gestao.pdf. Acesso em dez. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. DIRETORIA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Nota Técnica. Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (Inse)**. Brasília: DF, 2014c. Disponível em https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2014/escola_nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_escola_nivel_socioeconomico.pdf Acesso em dez. 2020.

BROOKE, N.; CUNHA, M. A. A. **A avaliação externa como instrumento da gestão educacional nos estados**. Em: Estudos e Pesquisas Educacionais – Volume 2. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2011.

BROOKE, N. (org.) **Marcos históricos na reforma da educação**. Coleção Edvcere. Belo Horizonte: Traço Fino, 2012.

CAMPO GRANDE. **Lei n. 5.565, de 23 de junho de 2015**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

CÉSAR, C.C.; SOARES, J.F. **Desigualdades acadêmicas induzidas pelo contexto escolar**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1/2, p. 97-110, jan./dez. 2001.

DOURADO, L. F. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. Educação e sociedade, Campinas, 28 (100), p. 921-946, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100.pdf>. Acesso em: out. 2020.

FERNANDES, R. Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). Textos para discussão, n. 26, p. 29-29, 2007. Disponível em: <http://td.inep.gov.br/ojs3/index.php/td/article/view/3850/3541>. Acesso em: dez. 2020.

FRANÇA, M. Políticas de gestão e qualidade: desafios para a educação básica. In: FRANÇA, M.; BEZERRA, M. C. (Orgs.). **Política educacional: gestão e qualidade do ensino**, Brasília: Liber livro, p. 257 – 284, 2009.

GESQUI, L. C. **O estreitamento curricular em função dos resultados das avaliações externas em larga escala.** Práxis Educacional Vitória da Conquista v. 11, n. 20, p. 229-245, set./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/848>. Acesso em: out. 2020.

HORTA NETO, J.L. **Limites para a utilização dos resultados de avaliações nacionais externas standardizadas:** caso da utilização Saeb por um ente federado brasileiro. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/53.pdf>. Acesso em: nov.2010.

MACHADO, C. **Avaliação externa e gestão escolar:** reflexões sobre usos dos resultados. Revista Ambiente e Educação, v. 5, n. 1, p. 70-82, jan./jun. 2012.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo: Ática. 2000.

PINTO, J. de C. A. **Desempenho acadêmico e fatores socioeconômicos:** uma análise no ensino médio integrado do IFBA/Campus Barreiras. 2016.

SCHNEIDER, M. P. NARDI, E. L. **O Ideb e a construção de um modelo de accountability na educação básica brasileira.** Revista Portuguesa de Educação, 27 (1), p. 7-28, 2017.

SOARES, J.F.; ANDRADE, R.J. **Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas Educacionais, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 107-126, jan./mar. 2006.

SOARES, J. F. **IDEB na lei?** In: Simon's Site: Simon Schwartzman, 13 jun. 2011. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=2352&lang=pt-br>. Acesso em: out. 2020. n. p.

SOARES, T. M. da Silva FERNANDES, N. Nóbrega, M. C. da Cunha, M. F. P. **A gestão escolar e o IDEB da escola.** Revista Pesquisa e Debate em Educação, v. 1, n. 1, 2013.